

Eu, José Belo Marques,  
Emigração Nacional de Radiodifusão.

Quero declarar antes de tudo, que esta minha  
exposição não visa vinganças nem procura  
oportunistas para interesse pessoal. Esses meandros  
para que não fui educado, não entram, nem pela  
consciência, na família à qual pertenceo.  
Vou apenas procurar expor o meu caso em poucas  
poucas palavras.

O meu caso não é exclusivo. Ele é igual ao  
de muitos homens que como eu, sofreram ao  
longo de muitos anos as algemas da violência  
e os insultos mais perversos até hoje lançados à  
consciência humana.

Eis a história:

Como violoncelista numa orquestra sinfônica, entrei  
para a Emigração Nacional, após alguns meses da  
sua fundação.

Esta orquestra dirigida pelo Maestro Pedro de Freitas  
Branco, foi criada, segundo dizem para servir  
o povo que a pagava mas ao qual nunca  
serviu. Ela conheceu em breve no paga-tempo  
das elites do Estado, que se juntavam com palmos  
e bocetos e cumprato obrigatório para servir certos  
cavalheiros ilustres que vinham até cá.

O povo, como sempre abandonado, não teve outra  
saída se não o refúgio dos fadinhos. Estes, nascidos  
em séculos passados e filhos de conquistadores, vieram

paudamente até nós e aninharam-se ali para os lados da Senhora da Saúde.

Encarrapitados numa guitarra que dizem português mas que esse português só tem uma corda, os fadinhos são ainda <sup>(hoje)</sup> exapatória das lágrimas do povo. Dejeulpem-m o deívio.

Músico da Emigração Nacional, aí por alturas de 1936, deixei funionamente a escrever música. Mas...

Razoável é dizê-lo: Por estas maravilhas paragens ainda se gasta hoje uma moedade inteira, adivinhando o que nos deviam ensinar. Por isso, foi com grande dificuldade que entrei como intérprete na tragédia dos Jões.

Em 1937, fundei a primeira orquestra de variedades da Emigração. Enxici também um quarteto de vozes masculinas que representou Portugal em Berlim e Paris, sob os auspícios um tanto emagrecido do secretariado de propaganda Nacional do Senhor António Ferro.

A imprensa dizia coisas. A Emigração orgulhava-se de si mesma e eu, dado ~~por~~ que nunca fui a arey para os lados de Santa Comba, passava fome. Era o Quelhas em toda sua grandesa.

Música ligeira, ligeiríssima <sup>mente</sup> pagas; trabalho aplaudido, dezanimo é porta.

A Emigração não tinha fundos. Henrique Galvão, tinha verbo mas não tinha serba. Eu... Nem <sup>com</sup> coisa nem outra.

Na impossibilidade de engrapar os ~~meus~~ filhos com alimentos soporos, tentei o teatro ligero, a Retiça. Aí, mijénia em beleza! Os autores daquilo a que chamam poema, eram emagados pela ceyura.

Os artistas <sup>(no palco?)</sup> choravam fazendo rir. Quanto a mim... O meu  
senhorio não ia ao teatro.

Guerra de Espanha. Tumulto nos espíritos.

Fugiu-se a República nas paragens de Coimbr. Por Kabelas  
de ideias <sup>(apoiadas)</sup> / enérgico em Portugal.

Cidades super-povoadas.

Faz-se noite no campo <sup>(aflição)</sup> das almas.

O pessoal da rua António Maria Cardoso, faz honras  
extraordinárias. Depois...

Jilêncio.

Um pensamento, pode representar um suplício;

Uma palavra, pode desafiar uma bala.

Em Espanha, mata-se.

Em Portugal, frita-se.

Cai sobre os portugueses, como que uma doença  
contagiosa; O medo.

Franco de lá, sinaliza para cá.

Jalazar de cá, manda ~~para lá~~ <sup>para lá</sup> centenas  
de vagões carregados de ~~um dos maiores~~ <sup>o</sup> de todos  
~~de~~ maior roubo de todos os tempos, feito ao  
estômago dum povo.

Num estado de agonia, a guerra perdeu-se ao  
longo, numa procriação de sombras.

Na Emigração Nacional, envolvido numa penumbra  
agressiva, eu escrevia canções. E que canções!

Nesta altura foi-me oferecido um contrato, para  
director musical no Rádio Clube de Moçambique,  
em Lourenço Marques. A licença ilimitada que  
pedi à Emigração, foi-me negada. Já o esperava.  
Mesmo assim, aceitei o contrato e parti.

Ao entrar no mar largo, respirei fundo. Nunca julguei que alguém pudesse deixar a sua terra, aquela que lhe foi benço, com tanta ~~segurança~~ alegria.

Andei por Lourenço Marques quatro anos. Ali trabalhei quanto pude e estudei quanto se pode.

Dirigi uma orquestra de cinquenta executantes á qual a imprensa da cidade chamava pomposamente "Orquestra Sinfónica".

Os portugueses, honra lhes seja, são os únicos homens do mundo que conseguem fazer caldeira da sem peixe.

Devo dizer que, apesar do maestro, fui aluno em contraponto dum senhor Holandês; um dos mais modestos dos meus segundos violinos.

Entretanto, a guerra mundial que ha muito se fazia sentir, deixava o Rádio Clube sem fundos para tanto encargo. Por esse motivo, anulei com mágoa o meu contrato.

Aproveitando ainda alguns meses da minha estadia em África, resolvi percorrer a região do sul do Sabe, para fazer um estudo sobre o folclore ~~negro~~ Tonga. Fui numa carrinha selha, levando como condutor e única companhia, um rapaz ainda novo mas exerto. Querem ver a minha vergonha? Certo dia, no Regulamento de Nhazimo-Nha-agale, (mesmo que talvez não faz mal,) dei de caray com um senhor Inglês que andava como eu, fazendo o mesmo estudo, por conta do seu Governo. O senhor Hugh Knacy, ~~andava~~ <sup>era</sup> acompanhado por sua esposa, um médico, dois enfermeiros brancos, um engenheiro e sete criados negros. Este senhor tinha ainda ao seu serviço, três grandes automóveis quase de luxo. Creio que ele não sabia sequer o que

ouvira. Cheguei a esta conclusão ao ver uma caixa de diapasões que ele transportava. Estarei em erro?... Deprimido de tudo e sentindo em mim uma ferida, mas com portuguesa humildade, ofenei-lhe alguns apontamentos meus e despedi-me.

Mais tarde e já em Lisboa, veio-me parar às mãos o livro do senhor Hugo Kracy. Eram cinquenta folhas de música colorida e arrebiada, com alguns arabescos indígenas e em papel de luxo.

Dejeulpem! A Arábia nada tem com isto.

Ao entrar novamente na Emigração Nacional, deparei com o dobro do peyonal, para mim desconhecido. O senhor Pedro Prado, homem circunspeto e hesitante que nunca <sup>eu</sup> conhecera, recebeu-me amavelmente, declarando-me que nada poderia resolver de pé-prá-mão. (Palavras dele.) Ofertei-lhe um exemplar do meu livro "Música Negra" e retirei-me.

Este meu <sup>(livro)</sup> trabalho que tinha acabado de sair, foi editado pela Agência Geral das Colónias e pelo qual, Marcelo Caetano ao tempo Ministro, mandou que me fosse paga a quantia de sete mil escudos. As minhas andanças pelo maró africano, custaram-me quatro vezes mais.

Encontrando-me sem dinheiro e sem trabalho, fui falar com o meu querido Mestre Pedro de Freitas Branco que, talvez por bondade, se dignou dirigir algumas obras minhas não só em Lisboa como na Itália. Porém, os direitos de autor destas obras, por modestas e

hystorico, eram todos <sup>(da)</sup> ~~da~~ Emigracão Nacional, tambem não pagava. Com o desespero da necessidade, resolvi dar um concerto no teatro de S. Carlos, dirigindo um dos meus trabalhos sobre temas novos: "Fantasia Negra". António Ferro, presidente da Emigracão, apadrinhou a ideia.

~~Depois~~  
 Pedro Inada cedeu-me a orquestra sinfónica. ~~Tudo a meu contento~~ Os jornais falavam, os enjaios seguiam e eu... tremia.

Com a assistência do presidente da República <sup>(Camões)</sup> o teatro encheu. Os coros se estabeleceram cantaram bem e a orquestra fez milagres. As palmas não fizeram rogadas, mas eu ao fim, tinha perdido catãoze mil escudos.

Nessa noite não dormi. Uma quantia deessa, para mim remotamente conhecida, foi o meu pesadelo.

Pela manhã li as criticas da imprensa. Muitas palavras boas e más mas nada de constructivo. Só a critica de Lopes Graça me convenceu; um pouco de favor =avel mas justa.

Depois, tudo redundou em <sup>(meus)</sup> ~~(meus)~~ mal. O ~~Presidente~~ António Ferro, abraçado a uma politica que nunca me serviu nem talvez a ele mesmo, pagou a minha dívida. Respirei de gratidão; mas o pão dos meus filhos fugia a olhos-vistos.

O senhor Pedro Inada que nunca nada me comprou se não com a mercadoria á vista e, baratinha, lembrou-me que eu quizesse, poderia dar de quando em quando, um concerto com a orquestra <sup>(da)</sup> ~~da~~ Emigracão Nacional. Não aceitei a ideia. <sup>(sinfónica)</sup>

Um bom director de orquestra, precisa de grandes

gludop. Precisa de escrever ao longo duma partitura, qual o estado d'alma do compositor em causa; Embrenhar-se como um verdadeiro colaborador, na obra que vai dirigir; Precisa converjar com ela e adivinhar, através do turbilhão dos tempos, os anseios do artista que a produziu. Precisa sobre tudo de saber música; o que pelos vistos, parece que não...

Ora, para adquirir tal condição, eu não tinha tempo, nem posse. Enganar-me a mim mesmo, para enganar os outros, nunca.

Qual o caminho a seguir?

Canções. Canções aos cantos. Matriculei-me na vida fácil da música. Canções filhas minhas que eu já perdi de vista e do ouvido.

Aquela Belo Marques que em jovem julguei conhecer, morreu.

Para a Emissora Nacional, por uma paga negoceada e mequinha, fundei a célebre Orquestra típica, e encaiei coros de toda a espécie, ~~de~~ outros agrupam<sub>2</sub>entos, para turistas de cá e de lá. Depois, tudo emperrou. A Emissora andava contente mas, honras ao homem, miséria à porta.

Um acontecimento tristemente político, deu comigo a passar listas da oposição. Foi um autêntico fogo de artifício. A mentira salazarista, que falava de voto livre, fez desaparecer a M.U.D, para ~~maior~~ <sub>2</sub>divulgin<sub>2</sub>ento da P.I.D; Um arraial sem filarmónicas.

A imprensa é comprada e exenavizada, alinava para o ar os seus foguetões de lágrimas.

Quando se apagou a última girândola já na Emissora Nacional existia uma lista de numerosos servidores sentenciados ao desemprego. A encabeçar o catálogo segundo nos declarou António Ferro, encontravam-se o meu nome e o de João de Freitas Branco. Mas que

Surpresa! Disse-nos o mesmo senhor que, apontando para  
os nossos nomes, Salazar disse: "Estes não."  
Este magnânimo juiz, dada a qualidade do juiz, já podia  
ter uma causa: talvez um favor indirectamente recebido e  
nunca confessado? O de João de Freitas Branco, fulgo conh-  
ce-lo. De meu, nem por cálculo.

Continuei a trabalhar para a Emigração. Não sei porque  
milagre, o meu nome entrou para a folha de pagamentos  
com o bido ordenado de três mil escudos.

O senhor Pedro Prado tinha accedido ao meu pedido.  
Ceguei meus olhos nos bonões da música. Mais antigas.  
Mais canções. Estas <sup>(agoras)</sup> reservadas e tristes. Salazar tinha  
vergonhas; (Salazar não.) Com ele à penha, organizei  
a grande orquestra de João. Uma orquestra de  
características modernas que foi por muito tempo  
o cavalo de batalha do intenso patronato. Uma  
espécie de mulher a dia, para ~~limpar e ouvir~~  
meus limpos. limpeza de limpas

Nos corredores da Emigração, murmurios a meia voz.  
Traições na sombra. Ebrimos no altar da família.  
Desconfiança e... Medo.

Um dia fui requisitado pelo Secretariado da Propaganda  
Nacional, para representar Portugal em Génova, no  
festival da canção Latina. Como não havia verba  
para ~~pagar~~ uma orquestra, fui sem ela. Acompanhavam-  
me apenas, um tenor, Guilherme Kjolner e uma  
cançonete, Maria de Lurdes Rezende. Para efectuar  
a coisa, ~~traz~~ <sup>traz</sup> ainda comigo, um ~~guitarra~~ <sup>guitarra</sup>, um violão  
e um fadista.

Vim a saber mais tarde, que foram oferecidos à D.  
Amália Rodrigues três mil escudos, para ir a

Génova também. Ela não aceitou e com razão.  
 O facto e a canção latina não se ~~podem~~ falar.  
 O Maestro Sigunigi fez a gymola de me ceder a  
 sua Orquestra, uma hora por dia para ensaios. O festival  
 durou quatro dias. Eram onze Países concorrentes.  
 Dez maestros, dez orquestras espanholas e um  
 homem português. Elyrei naquela amálgama patriótica  
 e vim para Portugal com o 1º e 2º prémios. Joaquim  
 Luis Gomes e Belo Marques.

Ao chegar a Sª Apolónia fui recebido por uma  
 numerosa recepção: Dois filhinhos meus. Um deles,  
 ao abraçar-me, perguntou-me: ~~ao avô~~ "A Mãezinha  
 não tem dinheiro?"

Ora adeus! Para que será preciso o dinheiro aos  
 honrados filhos da Pátria?

Foi ainda António Ferro que de Roma, para onde  
 Salazar por birra <sup>ou não se quer</sup> ~~empurrou~~, de quem recebi os  
~~recebi~~ parabens, pelo telefonete.

Na Emissoira Nacional continuava a alojá-lo, por  
 interesses não confessados, a negra desconfiança  
 e a secreta informação.

Uma manhã fui acordado por uma rédea do  
 Sol. Chamava-se Humberto Delgado.

Enfiei-me num escafandro e mergulhei nas águas  
 claras da liberdade.

Sol de pouca dura. Humberto Delgado foi espáçado  
 e morreu, quem sabe se com a mágoa de Kon  
 Yido General...

Dias mais tarde, quando fui para receber o meu  
 ordenado. Já o meu nome tinha sido retirado da

folha de pagamentos. Isto, sem prévio aviso.  
O homem de espírito neutro e acomodado, chega sempre  
aonde quer. É uma espécie de camalião humano com  
grandes disposições para animal doméstico. Pertence geralmente  
entre ao 2º partido fascista, não menos tenobroso do que  
o primeiro. Calculei que foi por insignuções dum destes  
exemplares que <sup>o</sup>alceyha de meu colega, que Pedro Prado  
procedeu assim.

Passou portanto ao infimo luno das pequenas empreitadas.  
Por isso, a minha caixa previdente de pouca previdência, nada  
mais recebeu.

Agora elevado, talvez lucidamente, a composição de música  
séria, (como se toda ela o não fosse!) o meu nome saltou á  
folha de pagamentos com <sup>arrastado</sup> ~~arrastado~~ <sup>arrastado</sup> vencimento de 1.176 cruzados.  
Há porém compositores em iguais condições que recebem três  
vezes mais. Valeu a pena?

Há ano e meio, entreguei ao senhor Prado duas partituras  
da minha autoria. Um quarteto para orquestra de câmara  
e uma obra sinfônica bastante grande. O mesmo senhor  
disse-me que assim que as cópias da mesma obra, tivessem o  
trabalho pronto, o meu poema "Humor" que assim se chama, seria  
dado a público.

Três meses depois, as cópias estavam prontas. Mas, a obra  
continua em arquivo, pelo que até hoje não recebi paga alguma.

Apesar de tudo, e pelo que vi ao longo de trinta e tal  
anos, não posso ~~de~~ apontar o senhor Pedro Prado como  
homem de bem. Como espírito penumbroso e hesitante,  
sim.

Perde quem sabe se com relutância, uma Ditadora de crimes  
sobterrâneos, para defender o pão da própria família, creio  
que tem cinquenta por cento de desculpa.

Sou um Ateu. Mas se eu tivesse de empregar um Deus para  
uso próprio, perdoava. Há produtos humanos, quase incompletos,

acomentados por grilhetas de sufrimay. ~~As~~ letradas que fazem rir e soluey que mais parecem gançalhadas. Fazer da própria bannida um idolo, é o dom de muitos homens. Quanto a mim, democrático mas não teórico, fui sempre como que um negativo da minha fotografia. A vida juiu-me muito ~~para~~ despendiosa porque paguei os meus erros e os erros dos outros. Portanto, peço á Emigração Nacional ou a quem de direito, se digno olhar para o meu caso.

Estou velho, mas os meus krês quanto de século ainda comem.

Sou acabar com isto. O que altray fica exposto, assenta simplesmente na verdade. Isto que sirva de exemplo aos tr jovens homens do futuro. As finças armadas para a salvação Nacional, á quays nós devemos esta alvorada de sonhos, assim o queremos também.

O novo querido Governo Provisório, conyktuido por grandes corações e velhas experiências, e para o qual olhamos com ansiosa esperança, precisa da nossa ajuda.

Tenho ouvido com alvorçada admiração e até com certo assombro, as palavras convincentes destes homens. Ha nos seus conceitos tanta moicidade e apuro, tanta verdade esquecida, tanto abrevimento simpático e desarmado, que até me parece que voltei a ser rapaz.

*Jose Zelo Marinho*

devenos esta alvorada de sonhos, assim o querem também.

O nosso querido Governo Provisório, constituído por grandes corações e velhas experiências, para o qual olhamos com ansiosa esperança, precisa da nossa ajuda.

Tenho ouvido com alvoroçada admiração e até com certo assombro, as palavras convincentes destes homens. Há nos seus conceitos tanta mocidade e aprumo, tanta verdade esquecida, tanto atrevimento simpático e destemido, que até me parece que voltei a ser rapaz.

O senhor Presidente da República António Spínola, ama o povo. Confirmou-o no dia 25 de Abril. Ele sabe, como General vigoroso e inteligente, que quando precisa de homens para comandar e defender a Pátria, é ainda ao povo aonde os vai buscar.